



PROGRAMA PROTEGENDO SONHOS

TEMAS TRANSVERSAIS

AS ADOLESCÊNCIAS, SEUS CONTEXTOS
DE VIDA E PROTAGONISMO
NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

PATROCINADOR





CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente

Carlos Antonio Tilkian

Vice-Presidente

Synésio Batista da Costa

Conselheiros

Antonio Carlos Malheiros, Carlos Antonio Tilkian, David Baruch Diesendruck, Eduardo José Bernini, Fernando Vieira de Mello, Hector Nuñez, Humberto Barbato, José Eduardo Planas Pañella, Luiz Fernando Brino Guerra, Morvan Figueiredo de Paula e Silva, Otávio Lage de Siqueira Filho, Rubens Naves, Synésio Batista da Costa e Vitor Gonçalo Seravalli

Conselho Fiscal

Bento José Gonçalves Alcoforado, Mauro Antonio Ré, Sérgio Hamilton Angelucci

SECRETARIA EXECUTIVA

Administradora Executiva

Heloisa Helena Silva de Oliveira

Gerente de Desenvolvimento Institucional

Victor Alcântara da Graça

FICHA TÉCNICA

Texto

Andrea Rodrigues Barbosa Marinho

Colaboração

Daniela Florio, Sandra Rodrigues Ferreira
Juliana Oliveira Mamona, Maria Lucilene de
Almeida Santos e Victor Alcantara da Graça

Revisão de texto

Katia Shimabukuro

Projeto Gráfico, diagramação e arte final

Priscila Hlodan

Impressão

Hawaii Gráfica & Editora

Tiragem

200 exemplares



PROGRAMA PROTEGENDO SONHOS

TEMAS TRANSVERSAIS

AS ADOLESCÊNCIAS, SEUS CONTEXTOS
DE VIDA E PROTAGONISMO
NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
Interdisciplinaridade: considerações essenciais	6
INTRODUÇÃO	10
Adolescência.....	13
Contextos de Vida	14
Protagonismo no processo de aprendizagem.....	14
Questões de gênero na escola	15
O JOVEM E AS VIVÊNCIAS ESCOLARES.....	16
TEMAS TRANVERSAIS	20
Identidade e pertencimento	20
Corpo e sua produção cultural	21
Práticas docentes, raça e etnia.....	22
Bullying	23
Sonho	25
Utopia	25
Esperança	26
Ilusão.....	26
CONSIDERAÇÕES.....	27
SAIBA MAIS	28
Sugestões de atividades a partir de ações já realizadas.....	28
Links interessantes para debates:.....	30
REFERÊNCIAS	31

APRESENTAÇÃO

6

O Programa Protegendo Sonhos da Fundação Abrinq, desenvolvido em quatro capitais brasileiras: São Paulo (SP), Salvador (BA), Vitória (ES) e São Luís (MA), visa promover o avanço da aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática dos estudantes dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, ao mesmo tempo que estimula e preserva os sonhos e projetos de vida destes atores que estão no processo de ensino-aprendizagem.

Ao trabalhar com as equipes docentes das escolas municipais, a Fundação Abrinq traz como proposta os olhares interdisciplinares e multimodais às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Entendê-las nos contextos contemporâneos, a partir de metodologias ativas de aprendizagens, é fundamental para que o processo de ensino seja integrado e integrador. Os jovens são vistos aqui como protagonistas e seres atuantes na própria aprendizagem formal.

Com a intenção de reforçar e incentivar a implementação das metodologias propostas pelo Programa Protegendo Sonhos, desenvolvemos este box pedagógico composto por quatro volumes:

Volume 1: Temas transversais: as adolescências, seus contextos de vida e protagonismo no processo de aprendizagem;

Volume 2: Uma abordagem interdisciplinar da multimodalidade da Língua Portuguesa;

Volume 3: O lúdico como estratégia na imersão da Matemática e a interdisciplinaridade;

Volume 4: Catálogo com sinopse de vídeos, livros literários e jogos matemáticos indicados pelo Programa.

Esta coleção destina-se a profissionais da educação, assistência social e demais pessoas que trabalham com adolescentes. É nosso desejo que favoreça a compreensão e facilite a aplicação dos conteúdos trabalhados nos cursos oferecidos aos participantes das atividades desenvolvidas pelo Programa.

Interdisciplinaridade: considerações essenciais

A interdisciplinaridade vem com a necessidade do homem unir e conhecer as interações entre o mundo natural e a sociedade, entre conhecimentos racionais e sensíveis e entre saberes diversos, porém conectados por pequenos ou grandes elos que até então eram ignorados. Aparece formalmente em meados de 1960 na Europa, mais especificamente na França e Itália, com o intuito de suprir a necessidade de um diálogo entre diferentes disciplinas escolares, que eram vistas como conhecimentos isolados dentro de suas especificidades e avaliados de forma linear, sem a interferência externa ao conteúdo apresentado.

Romper as barreiras que dividem as disciplinas como gavetas e interconectá-las une e amplia a visão do educador, sendo que um professor da área de Matemática, ao trabalhar uma situação problema, poderá, em conjunto com o docente de Língua Portuguesa, por exemplo, analisar as sintaxes gramaticais do texto utilizado, a grafia correta das palavras e a interpretação do texto apresentado. Um exemplo são as famosas “pegadinhas” de avaliações, nas quais o objetivo final é resolver um problema matemático, porém se o aluno não dominar a interpretação de texto e a lógica, a real intenção do problema passa despercebida.

Do ponto de vista da diretriz da política governamental, o Ministério da Educação, por meio da Base Nacional Comum Curricular, destaca em uma das dez metas, uma proposta pedagógica de forma transversal e integradora. É necessário então, que as redes de ensino compreendam e adaptem as necessidades do seu currículo para que esse diálogo ocorra de forma a potencializar o processo de ensino e aprendizado.

Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem.

(BRASIL, 2017, p.12).

Nós, no Programa Protegendo Sonhos, apresentamos a proposta interdisciplinar como mais um instrumento no sucesso da aprendizagem dos nossos alunos, pois, ao interagir com diferentes saberes, o aluno se torna capaz de (re)construir conhecimentos, formular aprendizados e desfragmentar o conhecimento, visto que vivem num mundo dinâmico, acelerado e integral. Acompanhar esse ritmo só traz benefícios e abre as portas do conhecimento de maneira efetiva e contínua.

Sabemos das dificuldades de se comunicar entre os pares com frequência dentro do cotidiano escolar, porém ações simples, como o partilhar do planejamento, a realização de eventos coletivos, tais como gincanas, avaliações coletivas, eventos públicos na escola, jogos interclasses, grupos de xadrez, dança, leitura, esportivos em geral, é uma forma convidativa para se utilizar a interdisciplinaridade com muita eficácia.

Tomando como exemplo, um campeonato de queimada entre as turmas, podemos utilizar diversas perguntas que precisam de diferentes saberes para se encontrar as respostas, tais como:

- Quantos jogadores por time? Qual a medida da quadra? É possível tabular quantos querem participar dos jogos?
- Como se dá a organização dos vencedores x perdedores numa tabela? Qual a média de tempo das partidas?
- Quais são as regras? Os times possuem uma torcida organizada com grito de guerra? Como surgiu a queimada?

Dentro dessa linha de raciocínio, diferentes habilidades podem ser trabalhadas, a construção de textos coesos e com informações bem explanadas de acordo com o gênero textual adequado, a história do esporte como base de socialização e de diversão, a construção de gráficos e tabelas com os dados obtidos antes, durante e após os jogos.

Nas sugestões de atividades propostas nos volumes deste box, encontramos situações em que a interdisciplinaridade acontece naturalmente e pode ser bem aproveitada, vamos destacar aqui ações dentro da Matemática e da Língua Portuguesa, mas é válido que todos os professores aproveitem esses momentos e insira-os em suas aulas.

Nos *Temas Transversais*, a atividade sobre corpo e a cultura fitness abre espaço para, além do ritmo e do exercício mental e físico, a construção de cartazes com textos explicativos sobre saúde e beleza, em que os alunos, sob orientação do professor de Língua Portuguesa, aprofundem os gêneros narrativos, suas especificidades, a coesão textual, a coerência escrita, a grafia correta, os dialetos de um grupo (no caso o grupo fitness). Em Matemática, pode-se elaborar a construção de gráficos de diferentes dados dentro do tema, o cálculo do IMC (Índice de Massa Corporal) e da velocidade média num determinado exercício, a contagem de tempo nos exercícios.

Na apostila de *Língua Portuguesa*, no estudo de caso, além do uso óbvio e direto da linguagem oral e escrita e suas construções gramaticais, o professor de Matemática pode aproveitar e tabular dados, criando registros matemáticos dos eventos realizados e fazendo cálculos de média participativa dentro das situações.

Na atividade com tangram, na apostila de *Matemática*, além do trabalho com as formas geométricas, suas propriedades e cálculos, o professor de Língua Portuguesa pode solicitar que os alunos registrem as histórias criadas com o tangram, solicitando que estes criem textos com diferentes gêneros textuais (quadrinhos, fábulas, lendas, jornalístico, etc.).

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade dá significado e vida aos conteúdos escolares e conta com a interação de toda equipe que, com a ajuda e a intervenção do coordenador pedagógico, delinea e constrói ações coletivas que são executadas de forma natural no dia a dia, com ganho para o grupo em conhecimento, em interação e em experiências que valorizam e potencializam o trabalho docente e o aprender discente, como sintetizado no quadro abaixo:

Pontos úteis para se lembrar ao trabalhar de forma interdisciplinar¹

- Parta de um problema de interesse geral e utilize as disciplinas como ferramentas para compreender detalhes.
- Como um professor especialista, você tem a função de um consultor da turma, tirando dúvidas relativas à sua disciplina.
- Sempre que possível, inclua no planejamento ideias e sugestões dos alunos e pesquise com eles.
- Faça um planejamento que leve em consideração quais conceitos podem ser explorados por outras disciplinas.
- Levante a discussão nas reuniões pedagógicas e apresente seu planejamento anual para quem quiser fazer parcerias.
- Recorra ao coordenador. Ele é a peça-chave e percebe possibilidades de trabalho.
- Lembre-se de que a interdisciplinaridade não ocorre apenas em grandes projetos. É possível praticá-la entre dois professores ou até mesmo sozinho, é uma parceria na compreensão dos conteúdos diários.

INTRODUÇÃO

Atualmente diversos setores públicos e privados estão preocupados com a eficácia do ensino e o impacto social global que o baixo rendimento causará nas gerações futuras e atuais.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE ou OECD) reúne 35 países com o objetivo de democratizar e elaborar plataformas comparativas de soluções de problemas comuns e políticas públicas em geral, que possibilitem o alcance das metas propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000, conhecidas como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), em que, através de metas globais que visam um futuro melhor para todos, podem nortear políticas de prioridades e melhorias. Em continuidade, no ano de 2015, criou-se a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que fracionaram essas metas e as tornaram mais claras e acessíveis, criando uma autonomia maior para que, por meio de pequenas ações, os governos e pessoas pudessem elaborar vivências e soluções para problemas que afetam a população mundial. Destacamos o objetivo 4 dos ODS e alguns de seus subitens que são relevantes à educação diretamente:

10

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

4.1 Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário livre, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes

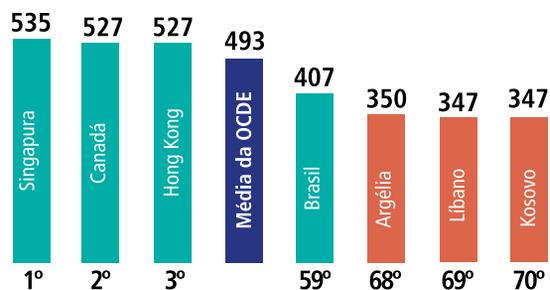
4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres estejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de Matemática

4.c Até 2030, substancialmente aumentar o contingente de professores qualificados, inclusive por meio da cooperação internacional para a formação de professores, nos países em desenvolvimento, especialmente os países menos desenvolvidos e pequenos Estados insulares em desenvolvimento.

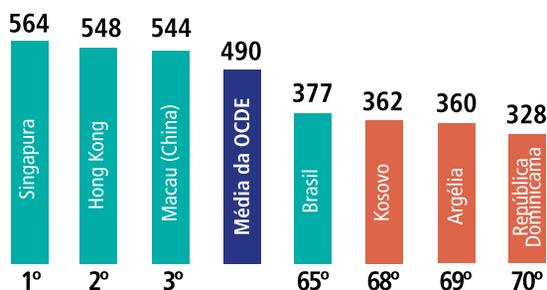
Dentro dessas tentativas de soluções, temos o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que possibilita avaliar o desempenho de alunos do Ensino Fundamental em leitura, escrita e ciências, realizado no Brasil no ano 2000 e, desde então, trianualmente. Em maio de 2017, o Brasil oficializou sua solicitação de entrada na organização, porém ainda não somos membros cooperadores.

O gráfico a seguir mostra o desempenho do Brasil na Avaliação do PISA de 2015.

Leitura



Matemática



É notável a distância dos resultados obtidos no Brasil, da média mundial dessa avaliação, seguindo quadro² com posição no ranking mundial nas esferas de conhecimento compreensão textual e matemática:

Compreensão textual		Matemática	
	Singapura 1		Singapura 1
	Canadá 2		Hong Kong 2
	Hong Kong 2		Macau 3
	Finlândia 4		Taipei 4
	Irlanda 5		Japão 5
	Brasil 59		Brasil 66

2. Quadro adaptado da reportagem acessada em <https://novaescola.org.br/conteudo/249/interdisciplinaridade-um-avanco-na-educacao>. Disponível em 20 de janeiro de 2019.

Fica claro que temos um longo caminho a percorrer no refinamento de políticas educativas, o que deve ser uma mola propulsora para que elaboremos estratégias mais efetivas de alcance e aprendizado para nossos alunos.

No Brasil, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep) é o órgão responsável pela análise do desempenho nacional e, junto ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), coordena as avaliações de aprendizagem nacionais, por meio de avaliações diversas aplicadas em todo território nacional.

Criado em 2007, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) surge com a proposta de sintetizar dois conceitos importantes para a qualidade da educação: taxa de aprovação e média de desempenho na aprendizagem dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática.

O Censo Escolar, Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e a Prova Brasil são as estratégias utilizadas para obter esses indicadores. O objetivo maior do Ideb é equiparar a educação básica nacional à média dos países da OCDE.

Em termos numéricos, precisamos progredir muito ainda, sair da média nacional, que foi 3,5, registrada em 2005 na segunda fase do Ensino Fundamental, para um Ideb igual a 5,5 em 2021. No último Ideb apurado em 2017, a média nacional para essa mesma etapa de ensino ainda estava em 4,7.

Desde a primeira versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1961 até os dias atuais, com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Ministério da Educação busca promover o direito ao aprendizado por meio da coerência entre as aprendizagens essenciais, organizada em competências e habilidades, que devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências gerais, sendo a base para a construção de propostas curriculares reflexivas e adequadas a cada contexto, promovendo a autonomia do educador para definir qual o melhor caminho a ser tomado para a conquista de bons resultados no processo de ensino-aprendizagem.

Dentro das dez competências gerais apresentadas na BNCC, vamos dar ênfase neste material aos itens 4, 5, 9 e 10:

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

4. Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BNCC, 2017, p. 18-19)

ADOLESCÊNCIA

A adolescência caracteriza-se por uma fase que traz mudanças significativas em três âmbitos: biológico, cognitivo e social. Fase marcada entre os 12 e 18 anos de idade que prepara a pessoa para a vida adulta. Portanto, é um momento de constantes transições.

Biologicamente, marcada pelo começo da puberdade traz alterações finais no crescimento físico (altura), mudanças dos órgãos sexuais, peso e massa muscular. Grande momento de maturação cerebral e uma reorganização dos hormônios que promovem constantes variações das emoções e humores.

Cognitivamente, o pensamento abstrato aumenta em sua capacidade, além do raciocínio lógico e capacidade de síntese de conhecimentos.

Faz associações entre temas diversos e ideias convergentes e divergentes. Por isso, salienta-se que nesta fase o trabalho interdisciplinar é fundamental, o que veremos com mais especificidades nos textos 2 e 3, respectivamente, Língua Portuguesa e Matemática.

No complexo do campo social, ela é marcada pela organização dos papéis que o indivíduo passa a ter na sociedade, sobretudo, o que se espera culturalmente como postura “de um adulto”. É o momento de buscas de parceiro amoroso, amizades mais significativas, pessoas de referências para sua construção de sujeito. Aqui ocorrem também a “crise de identidade” e a busca pelo que é normal e grupos de socialização por identificação.

CONTEXTOS DE VIDA

Na cultura ocidental da América Latina, diversos são os contextos sociais dos adolescentes, nos quais há inúmeras características comuns e relevantes, como mostrado no tópico anterior e uma inigualável diversidade trazida pela classe social e formas relacionadas a suas regiões e culturas.

Os adolescentes são dependentes e apegados à sua família e ainda não vivem de forma autônoma, como é possível na fase adulta. É também o início da fase de aprofundamento das amizades e namoros.

Quando se passa ao contexto de vida econômico, há a transição do único sistema de vida – somente escolar – para a busca de emprego e orientação profissional no mercado de trabalho. Em termos populares, a busca pelo “o que eu vou ser quando crescer?” começa a ter um peso econômico e social da responsabilidade do jovem.

Outros contextos de vida que interferem diretamente na formação desse jovem são: a moda, expressões linguísticas, hábitos culturais, valores sociais, religião e modos de relações intrapessoais (jovem consigo) e interpessoais (jovens com os outros).

Para que a adolescência seja construída num contexto de vida autônoma e com segurança emocional, o jovem precisa ser protagonista, sobretudo, de sua aprendizagem, pois os professores não estarão com ele eternamente nesta orientação.

PROTAGONISMO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Pensar que o professor é o centro da aula, e os alunos, meros receptores é uma ideia ultrapassada ao ver da educação significativa. O aluno é o protagonista de seu processo de ensino-aprendizagem. Mais que aprender, é preciso aprender a aprender, como conclama a Unesco.

Estamos em um caminho de mudança para esse prisma, mas a passos lentos, infelizmente. Está enraizada em nossa cultura um modelo escolar antigo, e a nossa prática cotidiana precisa ter mudanças diárias, tais como:

- Desenvolver a capacidade de autonomia do estudante;
- Estimular a criatividade;
- Dinamizar as aulas;
- Incentivar o pensamento complexo;
- Melhorar a cooperação em sala de aula;
- Mostrar ao estudante que ele mesmo é fonte e produtor de conteúdo.

São seis pontos simples, mas que requerem que os docentes estejam atentos e preparados para tais dinâmicas pedagógicas. É o que, também, discutiremos nos próximos textos de Língua Portuguesa e Matemática.

QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Em primeiro lugar é importante definir cada um dos conceitos abaixo já que, com frequência, eles erroneamente são usados como sinônimos.

SEXO: refere-se às características biológicas de homens e mulheres, ou seja, às características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios.

Gênero: refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser construído desde que o(a) bebê está na barriga da mãe, quando a família começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo: cor-de-rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um(a) bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e, a partir desse momento, a criança começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera, de acordo com seu sexo. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar.

Por exemplo, as meninas comumente são incentivadas a serem passivas, sensíveis, frágeis, dependentes, e a maior parte dos brinquedos e jogos infantis reforçam o seu papel de mãe e dona de casa, conseqüentemente responsável por todas as tarefas relacionadas ao cuidado dos filhos e da casa. Ou seja, as meninas brincam de boneca, de casinha, de fazer comida, de limpar a casa, tudo isso dentro do lar. Ao contrário, os meninos brincam em espaços abertos, na rua. Eles jogam bola, brincam de carrinho, de guerra, etc. Ou seja, desde pequenos, eles se dão conta que pertencem ao grupo que tem poder. Até nos jogos os meninos comandam. Ninguém os manda arrumarem a cama ou lavarem a louça, eles são incentivados a serem fortes, independentes, valentes.

As relações de gênero são produto de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida, reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres, principalmente em torno a quatro eixos: a sexualidade, a reprodução, a divisão sexual do trabalho e o âmbito público/cidadania.

Esses aspectos de gênero, já perenes, parecem não se relacionar com a escola, mas não é verdade. Sua discussão leva a construção da identidade do estudante e o seu posicionamento enquanto protagonista de seu ensino aprendizagem. Sua análise crítica evita preconceitos e discriminações em sala de aula e coloca os jovens em contemporaneidades educativas mais eficientes e eficazes, como veremos a seguir.

O JOVEM E AS VIVÊNCIAS ESCOLARES

Pensar os jovens como atores educativos implica em questionar alguns pontos importantes como “quem são estes jovens?”, “como eles interagem?”, “como se dá o desenvolvimento cultural de seu corpo?”, “como sua identidade e pertencimento se estabelecem no contexto escolar?”. Enfim, inúmeras questões são trazidas ao Programa Protegendo Sonhos pelos municípios envolvidos (esses pontos, em específico, pelos docentes de Vitória (ES)). Dessa forma, ao trabalhá-los desenvolvemos os TEMAS TRANSVERSAIS, tema-base deste volume que proporcionam possibilidades no desenvolvimento das competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017), a saber:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas;
- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;
- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo;
- Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva;
- Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade;
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta;

- **Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas;**
- **Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza;**
- **Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.**

Ao pensar que a juventude é o tempo das dimensões de protagonismo e construções de projetos de vida, vemos que os eixos pensados para o Programa devem articular a fim de “Proteger Sonhos” que são próprios desta fase de vida. Nesse sentido, a formação de Temas Transversais trouxe interfaces históricas e culturais que demarcam a construção social dos atores juvenis.

Os tempos e espaços que educam trazem corpos e subjetividades próprias da etapa, e práticas não pensadas adequadamente podem incluir ou excluir os adolescentes, ainda que de forma inconsciente e não proposital. O corpo não é só biológico em suas fases e construções, mas também tem suas subjetividades como gestos, expressões, vontades e anseios que denotam ainda mais o conteúdo da natureza e cultura de cada cidadão(ã). Por isso, a questão de pertencimento deve ser desenvolvida considerando o adolescente em conjunto com a comunidade que vive, para que não se sinta isolado, mas, ao contrário, participe ativamente da sociedade a qual ele está inserido.

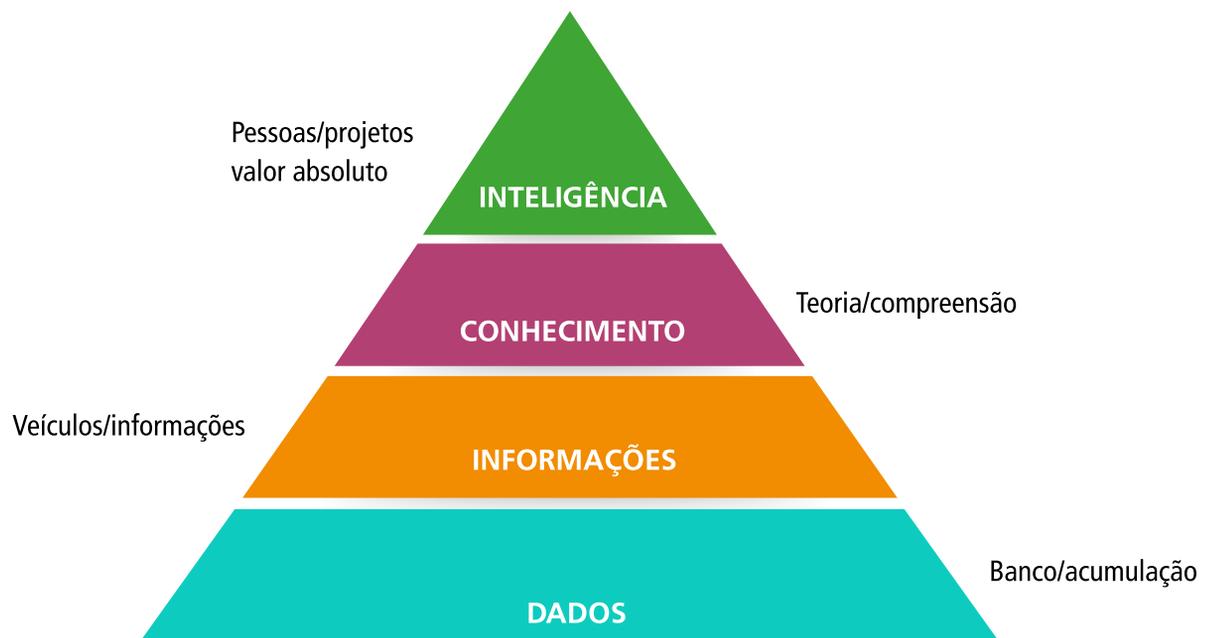
Pensar que esses estudantes estão em escolas públicas, leva-nos a indagar o que são políticas públicas? Quais nossas práticas enquanto agentes públicos? Quais são os desafios que encontramos na era do conhecimento, que caminha para a era dos sonhos? Quais são as dimensões do conhecimento? Dados, informações e conhecimentos educam? O que é educar?

Em tempos de era do conhecimento, como repartir o poder se ele está centrado no cognitivo? Eis o primeiro desafio do docente. O conhecimento não segue a mesma lógica de outras economias. Quanto mais conhecimento eu dou, mais eu tenho, logo o estoque de conhecimento não acaba, mas multiplica-se à medida que é distribuído. Quanto mais eu gasto meu conhecimento, mais ele torna-se atualizado, portanto a ideia de desgaste do produto aqui não tem pertinência. Logo, o conhecimento

é um capital que segue uma lógica invertida da economia de mercado, portanto, os professores são produtores de uma nova ordem econômica e social. Saber lidar com isso a fim de trazer “poder” aos seus alunos e alunas é o desafio contemporâneo.

O segundo desafio é levar o conhecimento das ações concretas à lógica abstrata, ou seja, a partir de materiais móveis, concretos, entender a escrita e resoluções de problemas matemáticos em dimensões abstratas com contas, fórmulas, escritas textuais que elevem o potencial dos estudantes. No mesmo sentido, sair das ações codificadas como continhas simples e chegar a pensamentos não codificados como uso de fórmulas para resolver problemas matemáticos. Seguindo esse paradigma, entender que o conhecimento difundido é bom, mas desvelar o conhecimento não difundido é fundamental, pois ainda há muito para se construir em teorias e novas ideias contemporâneas para a sociedade. Como dizia Paulo Freire: “A educação não muda o mundo. Ela muda pessoas. As pessoas mudam o mundo.”

Embora sejam desafios e reflexões cotidianas, estabelecemos aqui um olhar a partir das didáticas docentes sobre e com o corpo discente das unidades escolares. Pois, por mais conteúdos específicos que abordemos em aula, é necessário também pensar no sujeito que é educado e que também ensina ao aprender. Aqui as concepções de docência-discência, ato educativo e político, de Paulo Freire tomaram forma nas referências teóricas que basearam a ideia da articulação dos dados à inteligência na pirâmide apresentada:



Outras questões, entretanto, se fazem presentes quando pensamos em quem são estes jovens com os quais trabalhamos? Quem são os sujeitos da adolescência? O que os caracteriza? Qual é o recorte racial, gênero, orientação sexual que trabalhamos na escola? Como se dá a produção cultural do corpo? Nós, docentes, temos práticas desviantes? O que é identidade e relações sociais? O que é juventude? Quais são seus projetos de vida? Quais didáticas e transposições devemos pensar contemporaneamente? Essas foram as angústias colocadas em Vitória, no Espírito Santo, como pontuamos anteriormente.

Já em São Paulo, as discussões foram centradas em identidade e relações sociais; jovens e projetos de vida, o que veremos ao longo deste texto.

Em Salvador, os temas transversais versaram sobre relação família-escola, *bullying* e Estado e sociedade, angústias importantes que também trazemos aqui.

O município de São Luís (MA) optou por relações étnico-raciais e questões de gênero na escola, temas delicados frente a polarização que se vive nas redes sociais e propostas que circulam no cenário nacional. Seria papel da escola falar sobre gênero?

Entretanto, não importa a região ou localidade específica dos docentes, a adolescência é um tempo de descoberta que desafia sempre o pensar educativo.

A escola é feita de gente, como disse Paulo Freire, e essas “gentes” estão em constantes relações. Os espaços educativos proporcionam momentos de socialização para além das relações entre educador e educando. As convivências entre discentes, funcionários, pais, comunidades, gestão escolar e docentes são fundamentais na construção identitária do jovem.

Pensar nesses sujeitos (atores) está intrinsecamente ligado a pensar em suas realidades e vivências subjetivas, ou seja, como se dá a relação étnica na escola? Como são os gostos e anseios dessas pessoas? Quais são as emoções que estão presentes nas salas de aula? O que ocorre nos intervalos?

A ação docente vai além do conteúdo de sua disciplina. Não que o docente seja responsável por todos fenômenos que ocorrem na adolescência, mas trabalhar sua disciplina seja ela Língua Portuguesa, Matemática, Educação Física, seja qualquer outra, pensando em quem é o jovem que lá está é muito importante para o processo educativo.

Dessa forma, os temas transversais vêm dialogar com os anseios e necessidades dos alunos e alunas das escolas públicas das quatro capitais envolvidas no Programa Protegendo Sonhos e, com certeza, engloba as realidades de muitos outros municípios brasileiros.

A seguir, trazemos os temas e as discussões e pesquisas ocorridas em Vitória (ES), Salvador (BA), São Paulo (SP) e São Luiz (MA) com o mesmo cuidado que estenderemos aos demais municípios que possam vir participar desta jornada!

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Tema trabalhado em todos os municípios, a primeira questão a ser respondida é o que significa “identidade”. Não cabe aqui discutir as diversas concepções de identidade, mas apresentar uma definição que permita analisar o processo de constituição da identidade do jovem. A maioria dos autores define identidade como “conceito de si” ou “representação de si” (JACQUES, 1998). Assim, a identidade é a autoimagem desenvolvida pelos indivíduos e/ou grupos sociais, e a definição que servirá de base é a que considera a adolescência um “grupo etário composto pelos ‘jovens’, isto é,

indivíduos inseridos no processo de ressocialização”, ou seja, sair da socialização da primeira infância e ressocializar-se na fase de pré-adolescência e adolescência.

Para que essa ressocialização ocorra, vale pensar no jovem enquanto “corpo consciente” como propôs Paulo Freire. Ou seja, um ator que sabe que, além do corpo estético, existe uma relação consciente de como ele se desenvolve e como se relaciona na sociedade. Por isso, é importante entender como o jovem relaciona-se com o corpo e como se dá culturalmente este processo.

CORPO E SUA PRODUÇÃO CULTURAL

Marcada por transformações sociais e físicas, a adolescência é um tempo de mudanças da fase infantil à construção identitária juvenil que se faz no período do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, ou seja, basicamente dos 11 aos 14 anos. Tempo de conflitos internos e marcas de uma criança que já reluta em existir e um jovem que ainda não se formou, o ajustamento social também vem nesse rebote, isto é, a identificação de quem é esse aluno ou aluna no grupo dos estudantes que o circunda. Enfrentar alguns conflitos faz parte dessa fase de transição.

Local de relações sociais amplas, o ambiente educacional é um espaço em que se aprende a conviver com semelhanças e diferenças e, sobretudo, a lidar com elas. Nesse caso, o conflito com o corpo é um dos primeiros a surgir, pois, se os jovens não receberem a devida atenção nesse processo de transformação, podem carregar consigo angústias por não fazerem parte de um grupo comum, popular ou socialmente aceito na escola, diante de diferenças do que é esteticamente marcado como saudável ou belo pela mídia.

Produção cultural do corpo é enxergá-lo além do biológico: os gestos, expressões, o que come, os remédios que toma, o que se veste, o que o enfeita, o que se tatua ou modifica... A produção cultural do corpo é tudo aquilo que advém da subjetividade da cultura local, do que somos e de como somos. Os significantes e significados do corpo são fundantes na constituição identitária do jovem.

Um exemplo da produção cultural do corpo adolescente é a cultura fitness, pois, ao pensar no corpo e na cultura do emagrecimento em nome da vida saudável (cultura fitness) disseminada pela mídia com

promessas de felicidade, há, entre os jovens, uma pressão que adere à carne. Isso embute neste jovem a necessidade de parecer belo e esteticamente aceito.

A cultura fitness agrega sonhos, pensamentos, medos, vontades e desejos que vão mudando a relação do sujeito com seu corpo. Claro que ser saudável é fundamental. Mas perseguir uma magreza ou aparência midiática pode gerar depressão, ansiedade e diversos males que muitas vezes ficam invisíveis, atormentando os adolescentes.

Ao reforçarmos alguns comportamentos midiáticos, mesmo que de forma inconsciente, estamos fazendo uma “prática desviante”, ou seja, um reforço estético que nem sempre é o mais saudável, mentalmente inclusive, para os jovens. Por exemplo, ao falarmos para uma menina vir com um cabelo bonito, liso e bem penteado para a festa da escola (este caso já aconteceu e repercutiu muito nas redes sociais), estamos tendo uma prática desviante, pois a menina pode ser negra ou simplesmente ter um cabelo cacheado, naturalmente, o que é lindo de qualquer forma. Da mesma maneira, quando falamos que uma menina é linda de rosto e deveria emagrecer para ficar bonita. Ou que o menino é bacana, dedicado, mesmo sendo da área mais vulnerável... A condição social, corpo ou cor não dão o tom do caráter ou beleza. Entretanto, infelizmente, o racismo institucional e a não aceitação da diversidade ainda permanecem, ainda que velada ou inconsciente.

PRÁTICAS DOCENTES, RAÇA E ETNIA

Em nossa linguagem, no uso cotidiano e costumeiro de “simples” expressões, mitos, piadas, apelidos estão presentes na interação do dia a dia na dinâmica cultural. “Denegrir”, “a coisa ficou preta”, “mercado negro” são expressões “simples” que demonstram práticas do racismo brasileiro.

A ideia de que o homem, branco, europeu era superior a outras raças e gêneros levou a uma superioridade racial falsa que gerou a escravidão, marginalização de várias etnias colonizadas, negando o direito da igualdade nas relações humanas. Por muitos anos, piadas ridicularizando negros eram comuns e não consideradas agressivas. Devemos tomar cuidado, pois culturalmente, o preconceito está enraizado na cultura brasileira. Lutar contra essas práticas é um ato cotidiano.

Estar atento às brincadeiras dos estudantes é importante, pois ainda é comum a ridicularização dos negros, de seus cabelos, cor, religiosidade nas práticas infanto-juvenis nas escolas. Por isso, o município de São Luiz (MA) trouxe essa temática. Segundo revelam os dados do Atlas da Violência 2018, que traz dados do Ministério da Saúde, o homicídio contra os negros está aumentando gradativamente.

Entre 2006 e 2016, último ano com dados disponíveis para o levantamento, a taxa de homicídios de indivíduos não negros diminuiu 6,8%. No mesmo período, a taxa entre a população negra saltou 23,1% e foi a maior registrada desde 2006 – ano inicial da série histórica. No país, somando todas as raças, a taxa de homicídios cresceu 13,9% no mesmo período. O estudo revela que, em 2016, a população negra registrou uma taxa de homicídios de 40,2 mortes por 100 mil habitantes, o mesmo indicador para brancos, amarelos e indígenas foi de 16. Considerando a população como um todo, o país atingiu o recorde em 2016 de 30,3 homicídios a cada 100 mil pessoas.³

Ainda, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a escola é, ou deveria ser, um espaço privilegiado para a promoção da igualdade e a eliminação de toda forma de preconceito, discriminação e exclusão social, por possibilitar em seu espaço físico a convivência de pessoas com diferentes origens étnico-raciais, culturais e religiosas. Sendo assim, a escola precisa realmente conhecer quem são seus alunos para poder respeitar e trabalhar essas diversidades (BRASIL, 1998).

Outras formas de preconceito e ridicularizações de jovens são igualmente nocivas, como o *bullying* que ocorre cotidianamente nas escolas.

BULLYING

Caracterizado por uma sequência sistemática de agressões sejam verbais, físicas e/ou material, com intenção de magoar, ferir, entristecer, menosprezar, o *bullying* vem sendo estudado desde 1970. No Brasil, desde a década de 1990. Em São Luiz (MA), vimos que há três posturas básicas frente a essa prática: agressor, vítima e plateia.

No agressor, temos a postura da prática ativa e frequente do *bullying*. Na vítima, vemos a recepção passiva e, muitas vezes, com um sentimento de culpa. Na plateia, encontra-se o olhar passivo de quem percebe, mas não toma nenhuma atitude para coibir a prática abusiva. Esses são os três papéis presentes na escola. Não são posturas estáticas, pois a vítima de hoje, pode ser o agressor na próxima semana, ocorrendo o mesmo com quem é plateia, que pode se tornar vítima ou agressor em outro momento ou contexto.

Outra prática comum entre os estudantes é o *cyberbullying*, caracterizado pelas ofensas em contexto digital nas redes sociais ou por exposições virtuais das vítimas em fotos ou gravações vexatórias.

2. Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/05/taxa-de-homicidios-de-negros-cresce-26-em-10-anos-mortes-de-brancos-caem.htm?cmpid>

Na discussão em São Luiz (MA), conversamos sobre a necessidade de uma escuta sensível do educador ou educadora para identificar situações que estão oportunizando tais práticas. É fundamental que a escola tenha um “protocolo” diante de práticas abusivas e frequentes. Limites muito claros e ações assertivas, no combate ao *bullying* no contexto escolar, são essenciais.

A família é outra instituição de macroimportância no combate ao *bullying*. Resgatar valores morais e princípios acolhedores são importantes parâmetros nessa ação cooperativa entre família e escola, como apontou o grupo docente de Salvador (BA).

Ao Estado cabe cuidar do bem-estar social e apresentar medidas de conscientização e políticas públicas estimulando o conhecimento sobre o tema, a frequente formação de professores e esclarecimentos especializados na prevenção e mitigação da prática do *bullying* como remete o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), artigo 18:

“É dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Percebemos, ao trabalhar os temas raça e etnia, gênero, *bullying* e contextos culturais e midiáticos sobre o corpo, questões que diminuem a autoestima do jovem e conseqüentemente prejudicam seu aprendizado e a construção de bases sólidas para seu projeto de vida. Tomando como base as palavras de Paulo Freire, na obra *Cartas a Guiné-Bissau*, de que devemos denunciar um mundo desumanizante e anunciar um mundo mais humano, justo e acolhedor, trouxemos como denúncias os pontos supracitados nas discussões presenciais do Programa Protegendo Sonhos. Vamos, agora, abordar os anúncios possíveis: o sonho, a esperança, a ilusão e utopia como possibilidades de outro mundo.

SONHO

“O sonho possível exige um pensar diferente; exige a descoberta e o reconhecimento dos próprios limites.” (MARINHO, 2015, p. 118/119)

Quando pensamos em *sonho*, pensamos em projeto de vida: o que quero ser quando crescer? Essa questão se fez presente na vida toda da criança como uma cobrança da sociedade para quando ela crescesse. A criança está crescendo, e agora, é jovem. A pressão aumenta. Qual é o sonho desse adolescente? A escola está inserida no contexto quando os docentes são responsáveis por mostrar que cada conteúdo aprendido serve como ferramenta para construir o sonho na realidade. O jovem precisa sonhar, e nós, docentes, precisamos “proteger esses sonhos.”

UTOPIA

Utopia é caminhar no sentido do que ainda não existe. É sair de uma realidade para buscar uma irrealidade só imaginada, mas que pode ser concretizada. Loucura um jovem querer ser astronauta? Médico? Engenheira? Diplomata? Claro que não!

Loucura é deixar de potencializar as vontades de nossos jovens porque algumas possibilidades sonhadas não condizem com sua realidade ou contexto de vida.

Ou seja, para iniciar um projeto de vida, o jovem precisa ter a utopia de mudar a sua realidade existente, entender suas dificuldades e necessidades, ao mesmo tempo que reconhece suas potencialidades para mudar algumas situações.

Cabe a escola fazer essa transposição, mostrar que a partir de um conhecimento prévio e uma leitura mais crítica da realidade, algumas situações podem e devem ser mudadas, a fim de que um projeto de vida se concretize.

Toda ação é necessária, para isso, a disciplina e empenho são fundamentais. Ter uma utopia é iniciar um projeto, mas também é preciso ação concreta para que as mudanças ocorram, é necessário um planejamento.

ESPERANÇA

Ter esperança não é acreditar que alguém ou alguma religião, por exemplo, virá salvar “a minha juventude”. A esperança que aqui se escreve é sobre ter a fé de que se fizer diferente, lutar, planejar, estudar e ter disciplina, é possível construir sonhos gradativamente.

É sim uma espera de quem tem utopia e age para que o planejamento se concretize. Dessa forma, ao esperar que a mudança ou evolução ocorra, o sujeito age sobre seu planejamento, sobre o projeto de vida sonhado e vai, de ponto em ponto, de meta em meta, concretizando-o. A esperança de que vai conseguir é um motor impulsionador que o leva do sonho à realidade, ou bem perto dela.

ILUSÃO

Etmologicamente, a palavra ilusão vem de *ludo* (jogo) + *ilude re* (querer jogar o jogo). De acordo com Nilson José Machado, “ter ilusões, portanto, é achar que vale a pena estar no jogo, é permanecer jogando, seguindo as regras e buscando os resultados; não ter ilusões é crer que não vale a pena prosseguir seguindo as regras, é desistir de jogar o jogo da vida.” (MACHADO, 2001, p.11)

Em discussões nos quatro municípios, vimos o quão importante ao docente ou discente estar “ilusionado” com um projeto; uma perspectiva de vida. É querer buscar o novo, avançar nas impossibilidades, é saber que a vida está aí para ser vivida, navegada, impulsionada pela ilusão que toma nosso coração de vontades. Afinal, a ilusão ilumina o coração e o planejamento de um projeto é o caminho que nos leva a concretude.

Sabemos que sem sonho, esperança, utopia e ilusão não se faz projeto de vida, entretanto, só pautados neles nada se concretiza. É preciso trabalhar com os adolescentes o planejamento, a disciplina, ação, responsabilidade e autoavaliação, pois são eixos fundantes de todas as concretizações.

Projetar é fundamental, mas esses sentimentos são essenciais para impulsionar o jovem em seu contexto de vida, em sua autodeterminação, em seu protagonismo no processo de aprendizagem.

Planejamento é fundamental, e conhecimento, essencial, é o que veremos nos textos de Língua Portuguesa e Matemática.

CONSIDERAÇÕES

Os temas transversais são essenciais para trabalharmos as especificidades da Língua Portuguesa e Matemática com nossos alunos e alunas. Entendê-los enquanto atores educativos, suas necessidades e especificidades nos aponta caminhos para estimular suas potencialidades enquanto sujeitos aprendentes e cidadãos.

O corpo envolve uma produção cultural que impacta na formação identitária de cada jovem, o *bullying* e as práticas desviantes só reforçam fatores negativos que resultam em desmotivações quanto a autoestima e projetos de vida.

Os docentes possuem forte fator de referência e não podem ser plateia de ações explícitas ou implícitas. Estar atento é uma atitude constante e necessária para uma prática educativa significativa e eficiente.

A vida contemporânea coloca o jovem para entrar no mercado de trabalho e de consumo sem um preparo crítico e consciente de seu papel enquanto ser no mundo. Antes disso, precisamos entender que os jovens são seres em formação que precisam de nosso olhar docente. Formar o sujeito e sua identidade, trabalhar para que seus desejos e anseios sejam conquistados é essencial.

Quaisquer disciplinas podem favorecer isso, afinal o conhecimento científico deve servir como ferramentas que trabalham e aprimoram a inteligência de cada um. A juventude é um tempo de experimentações, descobrimentos e formação de personalidade. A educação tem um papel fundamental nisso: traz o sentido da vida.

A você, docente, cabe pensar em suas práticas para que não sejam excludentes, mas que promovam o acolhimento e bem-estar de cada um em suas aulas. Conhecimento técnico é importante, mas a valorização humana é fundamental. A vida de cada jovem está aí para ser descortinada, e você pode plantar as melhores sementes.

**O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem**
Guimarães Rosa

SUGESTÕES DE ATIVIDADES A PARTIR DE AÇÕES JÁ REALIZADAS

Atividade para desenvolver sobre produção cultural do corpo: A aula pode iniciar com uma dinâmica na qual, em pequenos grupos, os alunos devem refletir sobre as seguintes questões: O que é corpo? O que é biológico? O que é cultural? Desenvolva uma discussão sobre as influências da cultura nas intervenções aplicadas no corpo tais como dietas, cirurgias estéticas, tatuagens, maquiagem, vestimentas, potencialização muscular, entre outras. Como tarefa solicite que expressem, por meio da escrita, o que essa aula modificou em relação a sua compreensão sobre corpo e sobre a sua prática profissional. As respostas, de um modo geral, evidenciarão o quanto essa discussão colabora para que pensem sobre as naturalizações que comumente se deparam no seu cotidiano. Pensem sobre perspectivas de inclusão nas práticas corporais e esportivas, a partir do reconhecimento de diferentes possibilidades de intervenção rompendo, assim com preconceitos advindo de diferentes perspectivas: etnia, aparência corporal, gênero, religião, classe social, sexualidade, entre outros.

Atividade sobre o corpo e a cultura fitness: Objetiva-se que os alunos vivenciem limites e possibilidades corporais realizando uma atividade prática de aproximadamente 40 minutos simulando uma aula em academia com ritmos brasileiros e latinos coreografados. Posteriormente trabalhe outros modos de envolver a ginástica e a dança que não aqueles hegemonicamente praticados nos espaços fitness. A partir dessa vivência, discuta questões relacionadas à saúde e beleza de modo a problematizar essa aproximação e evidenciar que, em nome da estética, muitas vezes são realizadas atividades físicas que podem prejudicar a saúde. Sugere-se solicitar aos participantes que pesquisem os conceitos de “Saúde”, “Fitness”, “Wellness” e “Qualidade de Vida”, tema que será explorado na aula seguinte a partir de literatura específica e de vídeos complementares. Uma dica é o vídeo *Mulher do Terceiro Milênio*, por tematizar o universo fitness e seus desdobramentos. O vídeo pode gerar discussões acerca do mundo do trabalho na sociedade contemporânea (várias atividades simultâneas) e algumas “exigências” feitas, especialmente para mulheres que, como evidencia a fala da personagem: “Sou aquela mulher que ganhou o mundo e levou a casa nas costas! É verdade, e a gente ainda tem que ser bonita, tem que ser gata. Se não eles não querem”. Exiba também e discuta o vídeo sobre os anabolizantes ([link anexo](#)) e discuta com os alunos sobre a saúde corporal.

Atividade sugerida sobre práticas desviantes: No contexto da aula trabalhe os desviantes cotidianos, aqueles que nós praticamos (mesmo que escondidinho e com vergonha de confessar). Além disso, desenvolva duas dinâmicas corporais. Como aquecimento realize um trabalho de catarse que consiste em, em círculo, lançar uma almofada para um/a colega concomitante a xingar em voz alta. Solicite que tragam, para a próxima aula, imagens de corpos desviantes e que façam uma listagem de práticas desviantes que já haviam vivenciado. Podem aparecer atividades como: tocar campainha e sair correndo, correr pelado, roubar laranja, trotes no telefone, esvaziar pneus, andar de skate em locais proibidos, surfar em local de pesca, jogar futebol no box com sabonete, colocar piercing na língua, entre outras. Mostre o quanto algumas práticas são antiéticas para que eles entendam o porquê disto. O diálogo é fundamental, pois muitas práticas desviantes são usadas como reafirmação de sua personalidade. Conversem sobre “será que no grupo, é preciso mesmo reafirmar a personalidade o tempo todo?”.

Atividade sugerida sobre corpo, raça e etnia: Projeção e debate do filme *Invictus*, cuja narrativa descreve como Nelson Mandela, então presidente da África do Sul, utilizou o esporte (*rugby*) na tentativa de diminuir a segregação racial vigente em seu país. Discuta temas referentes à nacionalismo, raça/etnia e discriminação racial. Por fim, solicite que cada alun@ descreva uma situação vivida ou observada na qual possa evidenciar uma atitude racista no âmbito das práticas corporais e esportivas. Desse modo, busque visibilizar esse tema que, muitas vezes, é naturalizado como se não existisse ou, ainda, como se integrasse nosso modo de ser e se comportar.

LINKS INTERESSANTES PARA DEBATES:

Sugerimos a leitura do texto *O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural*, de Paula Sandrine Machado. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n24/n24a12.pdf>

Transição infância-adolescência para educadores do Ensino Fundamental II

<https://www.youtube.com/watch?v=typIBYTw020> (PARTE I)

<https://www.youtube.com/watch?v=2hIVWLOiPzE> (PARTE II)

“Fitness bucal: O sistema mastigatório deve frequentar academia”, recomenda o site Odontologika. <http://odontologika.uol.com.br/fitnessbucal.htm>.

Gravação de uma parte do espetáculo *Cócegas*, protagonizado pelas atrizes Heloisa Perissé e Ingrid Guimarães. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=MpT30ECG5ec>

Mudanças enfrentadas na adolescência: <https://www.youtube.com/watch?v=7Jfjsr45oU8>

Dove: <http://www.youtube.com/watch?v=5VwfOkDUUQ8&feature=related>

Milagres do Photoshop: <http://www.youtube.com/watch?v=aMcnsUSdF8g&feature=fvwrel>

Anabolizantes. <https://www.youtube.com/watch?v=FGCGuupY-vo>

Criança Fisiculturista. <https://www.youtube.com/watch?v=Q29G3APy-wo>

Anorexia e Bulimia. https://www.youtube.com/watch?v=mohJz_HyoMY

REFERÊNCIAS

<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1338/1/PDF%20-%20Cynthia%20Cristina%20de%20Souza%20Alves.pdf> (consulta realizada em 18/02/2019)

BRASIL. BNCC – *Base Nacional Comum Curricular* – Brasil: 2017

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: geografia. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1998.

DIAS, J. R. A. – *Unisantos, o corpo e as relações sociais na vida escolar do adolescente* – Link http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8688_5387.pdf

MACHADO, N.J. *Epistemologia e didática*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Educação: projetos e valores*. 6ª ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

_____. *Cidadania e educação*. 4ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

MARINA, J. A. *Teoria da inteligência criadora*. Lisboa: Caminho, 1995.

MARINHO, A. R. B. *Círculo de Cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Orientação: Prof. Dr. Nilson José Machado. Defendida em março de 2009. 125p.

_____. *Paulo Freire e a conscientização*. Tese de doutorado. Universidade Nove de Julho - Uninove. Orientação: Prof. Dr. José Eustáquio Romão. Defendida em março de 2015. 166p.

TEMÁTICA ESPECÍFICA:

FERREIRA, Fabiane & MELLO, Elena Maria B. *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011. 182 pgs.

GOELLNER, Silvana V. A cultura fitness e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, Cristina M. T.; SWAIN, Tânia N. (Org.). *A construção dos corpos. Perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, p. 245-260.

_____. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, Amauri B. de; PERIN, Gianna. (Org.). *Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática*. Maringá: Editora da UEM, 2009, v. 1, p. 69-84.

_____. A produção cultural do corpo In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 28-40.



Av. Santo Amaro, 1.386 | 1º andar
Vila Nova Conceição | 04506-001 | São Paulo/SP
Telefone: 55 11 3848-8799

www.fadc.org.br

 /fundabrinq

 /FundacaoAbrinq